

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT15.015

O TEXTO LITERÁRIO COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO DECOLONIAL NO ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR SOBRE A LATINIDADE

Regiane S. Cabral de Paiva ¹

RESUMO

Este trabalho pretende discutir o papel da latinidade a partir do tratamento didático do texto literário (TL) como um viés para o desenvolvimento do pensamento decolonial no ensino de língua espanhola. Para isso, escolhemos como material de análise todos os livros didáticos de espanhol indicados pelo Guia do PNLD/2018 para o ensino médio e como *corpus* as seções destinadas especificamente ao desenvolvimento da habilidade leitora, cujo texto empregado para este fim seja o TL. Para esse debate, no que diz respeito às implicações em torno da leitura do TL, nos apoiaremos em Tenorio & Reyzábal (1992), Vargas Llosa (2004 e 2006), Cosson (2009), Freire (2009) e Todorov (2010); e trazemos os estudos de Ardao (1980), Ianni (1993), Quijada (1998), Soria (2004), Mignolo (2005), Vargas Llosa (2006), Canclini (2008) Brandalise (2013), Cruz (2017) e Queiroz (2020) a fim de construirmos a perspectiva da latinidade como forma de fortalecer o axioma 'decolonialidade'. A partir da análise feita das atividades de leitura que fazem uso dos textos literários, propomos, por meios desses textos, o debate que envolve os aspectos inerentes à latinidade reiterando o compromisso da educação na formação de cidadãos críticos e reflexivos, culminando, desse modo, numa atitude decolonial. Afinal de contas, interpretar representa ir além das entrelinhas e, nesse caso, cabe a discussão em torno de todas as particularidades que o texto pode revelar sobre a latinidade, a fim de permitir que o aluno se reconheça como partícipe desse subcontinente diante da aproximação

¹ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, regianecabral@uern.br

de contextos que não são próprios dos países de fala hispânica em solo americano, mas que também diz respeito a nossa realidade sócio-histórica.

Palavras-chave: Decolonialidade, Latinidade, Língua Espanhola, Livro didático, Texto literário.

INTRODUZINDO O DEBATE

“Mi papá dice que nuestro problema es que aquí la gente vive imitando lo que está de moda en Europa o Estados Unidos”. Essa frase introdutória da fala de Libertad - na tirinha do cartunista argentino Quino, figura abaixo - revela uma denúncia cuja concepção se aproxima do pensamento decolonial.



Fonte: <https://stryptor.pages.dev/mafalda/10/158/>

Quando o pai da personagem afirma “*Nuestro problema*”, contrapondo os dois universos, europeus e norte-americanos, fica evidente o seu lugar de fala no continente americano: o dos latinos. “*Tenemos que empezar a ser como nosotros*” não é uma tarefa simples. Principalmente se não nos conhecemos, nem nos reconhecemos como latino-americanos. A necessidade da valorização e da imitação dos elementos culturais que emergem do continente europeu e do subcontinente americano, deve-se a dois fatores: ao poder econômico que estas duas potências exercem no globo e à falta de memória histórica desde a nossa formação enquanto território e etnia. Além disso, como lembra Mignolo (2005), a América Latina, ao lado da África e de certas regiões da Ásia, se constitui como um lugar onde os tentáculos imperialistas não param de crescer amparados pelo discurso da modernidade que, por sua vez, caminha de mãos dadas com a colonialidade.

O dilema posto pelo pai de Libertad reproduzido na fala dela nos aponta que abrimos mão do sentimento de pertença a este contexto latino-americano para sobrevivermos como estrangeiros na cultura alheia, melhor dizendo, na cultura do dominador. No caso do ensino de língua espanhola aqui no Brasil, a concepção colonialista norteou por algum tempo os livros didáticos, quando os textos postos para o desenvolvimento de práticas de leitura eram oriundos apenas da Espanha e os autores destes textos eram espanhóis. Felizmente, nos

últimos anos, já se nota a presença de gêneros textuais que circulam em contexto latino-americano e a presença de gêneros literários cujos autores têm origem na América Latina (AL). No entanto, só a presença destes textos e destes autores não bastam. Faz-se necessário trazer a temática da latinidade com um viés decolonial para o contexto de ensino de língua espanhola no ensino médio brasileiro para que orientemos nossos estudantes a um reconhecimento do ser latino e de mostrar-lhes que não precisamos estar submissos aos países tentam ainda nos reprimir numa condição de colonizados. Para tanto, alguns caminhos precisam ser percorridos: dar a conhecer as particularidades que caracterizam os países de fala hispânica da AL; possibilitar que estudantes brasileiro na Educação Básica tenham a oportunidade de se sentirem pertencentes ao universo latino-americano e conscientizá-los sobre o seu lugar de pertença; de trazer à tona as memórias silenciadas pelos países opressores e de mostrar-lhes que é possível continuar aprendendo com o outro, sem a necessidade de imitar outras culturas ou se sujeitá-las a ela. Esse é o passo inicial que precisamos percorrer para nos conhecermos e nos reconhecemos. Trazer essas questões para as aulas de língua espanhola é uma forma de denunciar a colonialidade e de fomentar um pensamento decolonial.

E como isso poderia ocorrer efetivamente em aulas de língua espanhola? Tenorio e Reyzábal (1992, p. 32) reforçam que a literatura, “registra a evolução da ciência, tecnologia, jurisprudência, política, educação, ética, estética [...]”². Neste sentido, se a literatura “registra” diferentes contextos da condição humana, acreditamos que, por meio desse registro materializado no texto literário (TL), a latinidade pode ser revelada e discutida nas aulas de língua espanhola durante a prática da atividade leitora. Além disso, “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não mais um especialista em análise literária, mas um conhecedor humano.” (Todorov, 2010, p. 92, 93). Tendo em vista todas essas questões, compartilhamos aqui uma análise das seções de leitura que faziam uso do TL a fim de observarmos a presença dos elementos que elucidam a latinidade para o desenvolvimento desta prática. No entanto, para além da constatação, o que se pretende neste artigo é discutir o papel da latinidade a partir do tratamento didático do texto literário (TL)

2 “registra la evolución de la ciencia, de la técnica, de la jurisprudencia, de la política, de la educación, de la ética, de la estética”. Toda a tradução presente neste artigo é de responsabilidade da autora

como um viés para o desenvolvimento do pensamento decolonial no ensino desta língua.

A LATINIDADE COMO VIÉS PARA A PENSAMENTO DECOLONIAL

O termo latinidade só ganha evidência quando a concepção de América Latina (AL) começa a ser consolidada dentro de uma conjuntura política e econômica do continente americano. Os estudos de Soria (2004) confirmam que a criação e a difusão do conceito de AL está apoiada em duas vertentes: a primeira, representada por alguns intelectuais latino-americanos que geraram o nome como uma das estratégias de reconhecimento diante das nações europeias e em oposição à norte-americana; a segunda, representada por uma parte da intelectualidade e do governo francês, que se puseram a fortalecer a ideia de latinidade da América como uma estratégia para melhorar a posição da França diante dos impérios europeus e das novas entidades soberanas da América. Essa segunda vertente também é mencionada por Mignolo (2005), no livro *La idea de América*, ao afirmar que os intelectuais e funcionários franceses se apropriaram do conceito de latinidade para se adiantar entre os países latinos que tinham interesse na América (Itália, Portugal, Espanha e a própria França) e também para enfrentar a contínua expansão dos EUA nesse continente em meados do século XIX. A partir disso, a América do Sul e as ilhas do Caribe, as elites criollas brancas e mestiças adotaram este termo depois da independência para criar sua identidade pós-colonial (Mignolo, 2005).

Baseado no estudo do professor e historiador uruguaio Arturo Ardao (*Génesis de la idea y el nombre de América Latina*), Mignolo (2005) explica que os incidentes, tensões e conflitos de 1850 relacionados com o Panamá, reforçaram a origem do nome “latinidade”. Para além de uma disputa por questões de limites, se tratou de uma luta pelo controle do ponto de encontro entre o Atlântico e o Pacífico. Duas forças opostas se concentravam nesta tensão: de um lado, a “raça anglo-saxônica” e de outro, a “raça latina”. O enfrentamento entre essas duas Américas encontrou sua expressão poética em “*Las dos Américas*”, do colombiano José María Torres de Caicedo: “Mais distantes se encontram, desunidos, [...] A união é seu dever, sua lei, amar-se:/ Têm a mesma origem e missão;/ **A raça da América latina**, / À frente tem a raça saxônica, / Inimiga mortal que já ameaça/ Sua liberdade destruir e seu pendão” (Ardao, 1980,

p. 105. Grifo nosso)³. Caicedo escreve esse poema da cidade de Veneza, em setembro de 1856, e o publica no mês de fevereiro de 1857, em no *'El Correo de Ultramar'*. Brandalise (2013) reforça que é neste poema que surge a expressão escrita de “América Latina” e a associação da mesma a uma “raça” diferente da “raça saxônica”. Diante disso, é interessante observarmos que um gênero literário foi utilizado nesse contexto como um mecanismo de conscientização étnica, cultural e geográfica, o que o configura como um gênero que está para além da apreciação estética simplesmente.

Juntamente com Caicedo, continua Ardao, o filósofo e político chileno, Francisco de Bilbao, também empregou o termo “latino” ao continente americano, precocemente, durante uma conferência realizada em Paris, em 22 junho de 1856, conclamando a uma unidade latino-americana. Sua indignação advém dos Estados que ainda permaneciam ‘Des-Unidos’, mesmo depois da tentativa proposta por Bolívar. Por isso afirma: “Mas a América vive, a **América latina**, saxônica e indígena protesta, e se encarrega de representar a causa do homem, de renovar a fé do coração. [...] Adiante, mundo de Colombo, América de Maipo, Carabobo e de Ayacucho! (grifo nosso)”⁴.

Como bem reitera Quijada (1998), a adoção do nome “América Latina” pelos hispano-americanos formam parte de uma dicotomia racial onde o outro termo dessa dicotomia não é o adjetivo “espanhol” ou “hispano”, mas o anglo-saxão. Não existe, segundo ela, nenhum caso em que essa dicotomia fosse empregada com relação ao adjetivo “hispano”; muito pelo contrário, o termo ‘latino’ passa a se colocar quase que no mesmo campo semântico que “hispano”, já que foram os falantes da língua espanhola que incentivaram e divulgaram o adjetivo “latino”. Possivelmente, por isso, nós, brasileiros, raramente nos consideramos latino-americanos ou percebemos que fazemos parte também dos traços que configuram o ser latino no continente americano. Somando-se a isso, ainda há os fatores de ineficiência histórica, política, econômica e educacional que consolidam essa ausência de reconhecimento em território brasileiro.

3 Más aislados se encuentran, desunidos, / Esos pueblos nacidos para aliarse:/ La unión es su deber, su ley amarse:/ Igual origen tienen y misión;/ La raza de la América latina, / Al frente tiene la sajona raza,/ Enemiga mortal que ya amenaza/ Su libertad destruir y su perdón.

4 “Pero la América vive, la América latina, sajona e indígena protesta, y se encarga de representar la causa del hombre, de renovar la fe del corazón,[...] ¡Adelante, mundo de Colón, América de Maipo, Carabobo y de Ayacucho!”. Bilbao, Francisco. Iniciativa de la América. Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas (1856). Discurso completo disponível em:< <http://www.filosofia.org/aut/002/fbb1285.htm>>. Acesso em: 28 de agosto de 2024.

Apropriarmo-nos da construção latino-americana revela, portanto, uma condição de resistência diante das nações dominantes, tanto europeias quanto norte-americanas. Reflete a busca pelo encontro de realidades que foram absorvidas pelas forças colonialistas e encontraram na diversidade (compreensão de raças, religião, cultura, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas) problemáticas em comum. Era preciso aproximar os países vizinhos da grande América do Sul, Central, México e Caribe, cuja raiz linguística se ampara na língua latina, e pensar para além da língua espanhola, focando numa formação das nacionalidades latino-americanas. Por isso, a condição de hispano-americano se colocou menor diante de um contexto que exigia a integração de todas essas nações para além da questão geopolítica. Como ressaltou Bilbao, em seu discurso proferido em 1856, se deveria preparar a liberdade “[...]para produzir a nação mais homogênea, mais nova e pura, estendida nos pampas, planícies e lençóis, regada pela Amazônia, a Prata e sombreada pelos Andes. E nada disso pode ser alcançado sem união, sem unidade, sem associação”⁵.

Etimologicamente, latinidade vem do latim *Latinitas* e se refere ao estudo da língua e da cultura latinas, bem como ao conjunto de povos de língua latina. Daí a importância dessa nomenclatura para o continente americano, porque era preciso deixar demarcada, ainda que simbolicamente, a afirmação de uma “identidade interna de seus povos, que buscavam auto-reconhecimento e emancipação política; seja em uma concorrência de espaços hegemônicos em território americano entre determinadas nações” (Brandalise, 2013, p. 75). Portanto, a capacidade de delimitar e traçar fronteiras entre as línguas está associada à diferenciação linguística que possibilita estabelecer os limites. Esses limites têm um papel central na organização político-social-cultural do mundo em que vivemos; ou seja,

[...] a dinâmica do mundo não seria a mesma se não identificássemos as “línguas” dos “povos” e das “nações”. Afinal, é através do reconhecimento do dito Espanhol que mapeamos “nações”, construímos latinidades e hierarquizamos “comunidades” e indivíduos. (Cruz, 2017, p.31).

5 “[...] producir la nación más homogénea, más nueva, más pura, extendida en las pampas, llanos y sábanas, regadas por el Amazonas, el Plata y sombreadas por los Andes. Y nada de esto se puede conseguir sin la unión, sin la unidad, sin la asociación”. Bilbao, Francisco. Iniciativa de la América. Idea de un Congreso Federal de las Repúblicas (1856). Discurso completo disponível em: <<http://www.filosofia.org/aut/002/fbb1285.htm>>. Acesso em 28 de agosto de 2024.

As nações dos países da AL, antes eram colônias europeias, mas, depois de conquistarem a independência política, articularam-se com sistemas imperialistas formados a partir da Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos a partir do final do século XIX. As duas guerras mundiais do século XX favoreceram a penetração dos EUA em todos os países. E, nas décadas recentes, a AL tornou-se um campo de disputas internacionais, uma fronteira entre sistemas mundiais (Ianni, 1993). A partir disso, precisamos evidenciar, sobretudo, que a noção de latinidade revela algumas faces. Na Europa, esse conceito permitiu que os intelectuais e políticos franceses estabelecessem uma diferença imperial com as forças do mundo anglo-saxão (Inglaterra e Alemanha); na América do sul a ideia foi útil aos intelectuais e políticos 'criollos' para se auto-definirem em contraposição com seu competidor anglo-saxão neste continente: os Estados Unidos da América.

No entanto, o lugar da AL na nova ordem mundial foi, segundo Mignolo (2005), o de uma configuração histórico-política e cultural subalterna. Toda a construção colonial criada pelos espanhóis para justificar a colonização da América (a inferioridade dos índios, o caráter não humano dos escravos africanos, por exemplo) foi mantida e intensificada nas novas repúblicas independentes. A partir disso, se reproduziu um tipo de sistema colonial interno. "A ideia de latinidade ajudou a disfarçar a diferença colonial interna com uma identidade histórica e cultural que parecia incluir todos, mas que realmente produziu um efeito total silenciando os excluídos"⁶ (Mignolo, 2005, p. 112). Por isso, esse autor reforça que, para as vozes dos *criollos*, mestiços e imigrantes de origem europeia, a ideia de AL oferece uma frente unificada de combate à invasão norte-americana nos campos militar, tecnológico e econômico e que as comunidades indígenas e negras lutam por esta mesma causa, mas não como latino-americanos, porque esses também os exploram. Portanto, é preciso considerar uma latinidade que represente a América não anglo-saxônica com todo esse encontro biológico, cultural e de divergências internas. Neste sentido, contra essa sociedade que ainda representa a colonialidade do poder é que o pensamento decolonial se apresenta como luta e resistência contra esse padrão. Sobre esse pensamento é preciso reforçar que ele não concebe a colonização como um evento histórico

6 "La idea de latinidad contribuyó a disfrazar la diferencia colonial interna con una identidad histórica y cultural que parecía incluir a todos pero que, en realidad, producía un efecto de totalidad silenciando a los excluidos".

superado, mas como um evento prolongado e que trouxe e traz consequências históricas, culturais, geopolíticas do conhecimento e para o viver e sentir das comunidades, deixando nelas marcas emocionais profundas (Queiroz, 2020).

A partir disso, vale ressaltar que o sociólogo brasileiro Octavio Ianni (1993) defende que parte do pensamento e prática na AL organiza-se com base em interpretações sintetizadas em alguns conceitos, dos quais destaco seis, pela relevância que trarão a tudo o que já foi exposto até o momento: (1) civilização e barbárie; (2) raça cósmica; (3) nossa América; (4) revoluções, (5) castas e classes e a (6) questão nacional.

A primeira dicotomia, civilização e barbárie, é um dos temas mais frequentes observados na América Latina, seja pelo exotismo da fórmula ou pela verdade que ela sintetiza. Desde a formação dos estados nacionais até os dias de hoje, essa 'fórmula' continua frequente; mudam as linguagens, os personagens, as forças sociais, mas a dicotomia prevalece. A barbárie foi reforçada com o tempo pela ideia do bárbaro como aquele que pertence a outra casta, a outra classe, aos setores subalternos do campo e da cidade. São os que reivindicam, questionam, protestam, lutam. A bem da verdade, não se trata de um dualismo apenas, já que a civilização produz a barbárie. A nação latino-americana se caracteriza por uma instabilidade política e econômica crônica e recorrente; paí-ses marcados por revoluções, governos com mandatos interrompidos, ditaduras, desemprego, marginalidade, entre outros; os grupos dominantes controlam o poder político, militar, religioso, cultural pelos menos em escala suficiente para terem seus interesses garantidos. Toda esta instabilidade, finaliza Ianni (1993), se torna uma técnica política recorrente, crônica, eficaz e conveniente, porque bloqueia o ascenso popular e garante a continuidade dos negócios.

Sobre o conceito de Raça Cósmica (2), trata-se de uma ideia surgida no século e criada pelo filósofo José de Vasconcelos Calderón, à raiz da Revolução mexicana, através do seu livro "La raza cósmica", no qual defende que a 'raça do mundo' tende a se mesclar cada vez mais e formar novos tipos humanos. Como reforça Ianni (1993), nesse período começava a se conferir alguma dignidade à população composta por índios, mestiços, negros, mulatos, brancos de diversas procedências e outros. Estava em curso a "emergência da 'raça cósmica', da 'democracia racial', 'do continente mestiço', e de outras formulações destinadas a dar conta da 'nova' realidade social, política e cultural" (Ianni, 1993, p. 21-22). No entanto, a questão do preconceito racial mesclada com as desigualdades sociais ainda precisa ser superada.

O terceiro conceito (3), que está atrelado ao pensamento da AL, se depara com a expressão Nossa América, formulada em 1891 pelo filósofo e intelectual cubano José Martí, com o intuito de emancipar a América do domínio europeu e norte-americano. Esse termo é retomado em diversas lutas ocorridas neste subcontinente, como foi o caso das lutas do Panamá contra os EUA. Essa noção se relaciona com as propostas de integração ou confederação, numa tentativa de não sucumbir diante da força capitalista mundial.

O tema das Revoluções compreende o conceito (4) que compõe o pensamento e a prática latino-americana. A história da América Latina está definitivamente marcada por lutas sociais, a começar pelas castas e pelos setores de castas durante o período colonial entrando pelo século XIX; depois, a partir das lutas de independência e abolição do regime de trabalho compulsório, destacam-se as classes e os setores de classes. O período que demarcou o colonialismo e o escravismo produziram estruturas sociais complexas, diferentes e rígidas. A partir dessa formação social, mesclam-se desigualdades sociais, econômicas, políticas, culturais, raciais e regionais. “Esse ambiente de lutas sociais ocorre em diferentes épocas e em quase todos os países latino-americanos. Nesse ambiente, o jogo das forças sociais, em geral, está na base dos protestos e revoltas, golpes e contragolpes, revoluções e contra-revoluções” (Ianni, 1993, p.28). No que se refere à revolução burguesa ocorrida na AL, pouco foi realizado e não responde às reivindicações do povo, que ainda luta contra os problemas agrário, regional, racial e nacional.

Paralelo a esse tema, temos a construção dos conceitos de classes e castas (5). Essas linhas de castas foram produzidas durante os séculos de colonialismo e escravismo compreendendo índios, mestiços, negros, mulatos e brancos de diferentes nacionalidades. A partir disso, além das desigualdades e hierarquias sociais, econômicas e políticas, também se desenvolveram as diversidades culturais, compreendendo a língua, a religião, família, padrões e valores culturais, postos como modalidades de consciência e visões de mundo. Já o sistema de classes foi criado com o fim do colonialismo, a independência das antigas colônias, a abolição da escravatura do negro e índio, a diversificação das atividades econômicas, a expansão do capitalismo no campo e na cidade, a industrialização e urbanização, entre outros.

O último tema (6), referente ao contexto latino-americano, tem a ver com a questão nacional, que diz respeito ao modo como se forma e se transforma a nação. A base da construção da nação se ampara em seu território, população,

história, bandeira, hino, moeda, mercado, comunicação, santos, ruínas, monumentos, língua, dialetos, literatura, produções culturais, derrotas, por exemplo. Por isso, esse sociólogo reafirma que a questão nacional se coloca desde o início da história. A gênese de cada sociedade nacional abrange tanto a luta contra a metrópole como as divergências internas, além dos conflitos com vizinhos. Paralelo a isso, se desenvolvem diversidades e desigualdades entre cidade e campo, as regiões. A estas se unem as diferenças sociais, econômicas e raciais. Assim, se revelou um particular e fundamental desencontro entre a cidade e o campo, a região e a nação. Por isso, que a questão do nacionalismo se cria e se recria no âmbito das conjunturas históricas, conforme o jogo das forças sociais internas e externas. A fisionomia da nação é interferida periodicamente pelas desigualdades e contradições escondidas nas diversidades nacionais. Como lembra Ianni (1993, p.48), tivemos o socialismo de Allende e o fascismo de Pinochet no Chile; ditaduras militares de cunho fascistas na Argentina, no Brasil e Uruguai, destruindo experiências democráticas e conquistas culturais da maior importância; a vitória da Revolução Sandinista na Nicarágua; a revolução popular em El Salvador ao longo de 12 anos e desarticulada em 1992.

Toda essa discussão que construímos até aqui pretende fortalecer o significado de ser latino-americano, sem limitar esse conceito apenas ao fato de termos uma raiz de origem europeia por conta da base linguística, mas porque a língua latina, juntamente com suas particularidades, sejam elas de ordem cultural, folclórica, religiosa, política e social, se mesclaram com as de origem indígena e africana. Exatamente por essa riqueza de encontros, por essa hibridação, a noção de 'latino' (latinidade) ganha uma dimensão significativa dentro do continente americano, ao celebrar a mestiçagem como uma característica fundamental.

Os elementos expostos até o momento em torno da concepção da AL, do latino-americano e da latinidade poderiam ajudar a trazer um extenso debate antropológico, sociológico e político. No entanto, todo esse recorte trazido remete a um conceito de América Latina que perpassa diversos aspectos advindos a partir da colonização e da criação de sua nomenclatura. As problemáticas apresentadas, os elementos e eventos peculiares e a diversidade na construção desse subcontinente são o fundamento para também percebermos como a literatura latino-americana se torna particular justamente por todos os aspectos étnicos, culturais, geográficos, históricos, linguísticos, sociais, nacionais, políticos que a compõem. Por essa razão, ressaltar estes aspectos a partir da leitura

de um TL permite aos estudantes e a nós, professores de língua espanhola, uma ampla reflexão que nos coloca num espaço contra as forças hegemônicas e, deste modo, nos leva a resistir a qualquer evento que aponte para a algum tipo de colonialidade. É justamente essa compreensão que nos faz assumir o pensamento decolonial.

TL NAS ATIVIDADES DE PRÁTICA LEITORA: QUAL O LUGAR DA LATINIDADE?

Todos somos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro, nossos pais, depois, aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo, lembra Todorov (2010). Este estudioso aproxima a literatura aos estudos da filosofia e das ciências humanas, pois se trata do pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos, cuja realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, a experiência humana. Para ele, a literatura faz viver as experiências singulares; já a filosofia maneja conceitos. “Uma preserva a riqueza e a diversidade do vivido, e a outra favorece a abstração, o que lhe permite formular leis gerais” (Todorov, 2010, p. 77). A essa assertiva, defendemos o posto por Vargas Llosa (2004, p. 380): “Nada ensina melhor que a literatura, a ver nas diferenças étnicas e culturais, a riqueza do patrimônio humano e a valorizá-las como uma manifestação da sua múltipla criatividade”. Em “Dicionário amoroso da América Latina”, Vargas Llosa (2006) ainda completa que a literatura nos irmana com o nosso passado, desenvolvendo em nós um sentimento de pertença à coletividade humana através do tempo e do espaço como o mais alto logro da cultura. Aproximamo-nos também da concepção que Cosson (2009, p.17) tem da leitura e da escritura dos textos literários, ao considerá-los como espaço onde “encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos [...] É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade”.

Justamente por termos essa compreensão do papel da literatura para a vida e para a educação, reconhecemos o texto literário como uma manifestação da literatura e, portanto, o tomamos como material didático e autêntico em aulas de língua - neste caso a espanhola. Portanto, a leitura literária se torna

esse espaço onde universos se encontram e dialogam, onde nós podemos ter acesso a traços culturais, históricos, sociais, geográficos, linguísticos, entre tantos. É nesse espaço, o literário, onde percebemos que a leitura passa a ganhar mais possibilidades, porque ela revela tanto o tempo e espaço de sua produção, quanto o tempo e o espaço de quem o produziu e ainda dialoga com o contexto de quem lê.

Como bem reforça Paulo Freire (2009), a leitura nos coloca em diálogo com o mundo a partir de nossos contextos. Nesse diálogo temos diferentes cenários que podem revelar um mundo exótico ou mundo verossímil, muito mais próximo de nossa realidade do que podemos imaginar. Por isso, entendemos que, por meio da leitura literária, temos também a oportunidade de, durante o ensino de língua espanhola, evidenciarmos um contexto muito particular que merece seu espaço de debate para a formação crítica, reflexiva e política dos nossos estudantes: a latinidade.

Neste sentido, não coletamos textos aleatórios, mas decidimos e definimos investigar a presença da latinidade nos textos literários presentes nas seções destinadas especificamente à leitura nos livros didáticos de espanhol constantes do Guia do PNLD/2018. Reiteramos que esse guia apresentou três coleções de língua espanhola aprovadas para o Ensino médio (EM): *Confluencia*, *Cercanía joven* e *Sentidos en lengua española*. Cada coleção contém três volumes destinados à 1ª, a 2ª e a 3ª séries do EM.

Na coleção *Confluencia*, dos nove TL selecionados para as seções de leitura, sete textos eram de autores latino-americanos e dois eram espanhóis. A presença desses sete autores, três no volume 1(v.1) e quatro no volume 2 (v.2), significa, a nosso ver, um avanço para a representatividade latino-americana, observando-se que, até há bem pouco tempo, o livro didático dava mais evidência a textos literários de autores espanhóis. Desses autores, selecionados de diferentes localidades da América Latina, desde o Uruguai a Cuba, a presença feminina e a literatura negra foram representadas pela afro-cubana Magia López. Importante apontarmos que os traços biográficos dos autores dos textos selecionados, ainda que de forma breve, tiveram destaque por meio de um box localizado próximo ao texto, como elemento paratextual. Dessa maneira, evidenciamos, inicialmente, a presença da latinidade nos TL das seções de leitura através da origem desses autores demarcada geograficamente pelo subcontinente latino-americano.

Verificamos ainda que, a partir dos textos literários selecionados para as atividades de leitura, emergiam conteúdos que revelam cenários próprios da América Latina, momento que seria oportuno para uma discussão em torno de alguns dos conceitos (Ianni, 1993) próprios da nossa latinidade como uma forma de resistência contra os padrões de poder. No entanto, constatamos que as instruções das atividades de leitura a partir do TL não evidenciava a discussão desses cenários a fim de promover uma compreensão crítico-reflexiva sobre nosso subcontinente. Desta forma, mais uma vez essas cenas foram silenciadas. E, quando afirmamos isso, levamos em consideração o fato de que a formação sócio-histórica e étnico-racial do subcontinente latino-americano sempre foram marcadas pelos esquecimentos.

Quanto à coleção *Cercanía joven*, como nosso *corpus* se concentrou apenas nas seções destinadas especificamente à habilidade leitora, não foi possível analisarmos o espaço da latinidade por meio dos TL, já que nenhuma dessas seções fez uso deste tipo de texto para este fim.

Finalmente, a coleção *Sentidos* empregou um único TL na seção de leitura no volume 1 da primeira unidade que possibilitou analisar o contexto da latinidade. Neste caso, trata-se da letra da canção 'Soy loco por ti, América'. Reiteramos que consideramos o poema presente na letra da canção como um produto artístico híbrido, que atende ao campo artístico-literário. Essa letra se constrói como uma composição poética, empregando recursos literários e projetando seu significado desde perspectivas artístico-culturais. Assim sendo, a seleção da letra da canção 'Soy loco por ti, América'; a inserção, após a letra, de dois boxes explicativos que esclarecem dados biográficos dos compositores e de uma personalidade que é citada aparece nessa letra, bem como as instruções de pós-leitura deram destaque para os cenários próprios da América Latina. Inclusive, uma das questões propôs justamente essa reflexão: Somos todos latinos, por quê? No entanto, chamamos atenção para o fato de não haver uma aproximação entre as informações postas nos boxes sobre os autores com o contexto da canção, fato que fragiliza a leitura crítica dessa letra.

Essas constatações nos mostra que a latinidade nos TL em atividades de leitura se manifesta de forma superficial, na medida em que há textos de autores latino-americanos e na periferia desses textos constam boxes informativos com os dados biográficos desses autores, sinalizando para uma aproximação com o contexto da AL. No entanto, apesar dos textos selecionados para esta prática serem ricos potenciais para um debate mais profundo sobre as questões pró-

prias do contexto latino-americano, notamos que eles estavam apenas a serviço de um tema específico da unidade, como por exemplo: na coleção *Confluencia*, encontramos a crônica *La televisión* ('El libro de los abrazos), do autor Eduardo Galeano, empregada para discutir 'Meios de comunicação'; o poema *Mi belleza*, de Magia López e Alexei Rodriguez Mola, foi selecionado para discutir o tema da unidade "A hipervalorização da beleza em detrimento a outras; o fragmento do ensaio *La escuela del sur* de Joaquín Torres García foi empregado para dar conta do tema da unidade "Ambientes periféricos no mundo hispânico"; o poema "El sur también existe" de Mario Benedetti este à serviço do tema: Ambientes periféricos no mundo hispânico. Já os romances: *Un mundo para Julius* (fragmento) do Alfredo Bryce Echenique e *Doña Bárbara* (fragmento) de Rómulo Gallegos foram utilizados para uma discussão no campo do uso da língua: formas de tratamento e a pronúncia como marca de identidade social.

No próximo tópico, veremos como o contexto da latinidade poderia ter sido evidenciado de modo a contribuir para a construção de um pensamento decolonial.

A LATINIDADE NO TL: POR UM PENSAMENTO DECOLONIAL

O texto literário, como afirmamos anteriormente, nos devolve ao sentimento de pertença e nos permite nos aproximarmos de diferentes contextos e realidades. Por isso, por meio dele é possível que a prática leitora desenhe uma perspectiva de reflexão crítica com vistas à latinidade⁷ que, por sua vez, contribuem para a construção de um pensamento decolonial. Para exemplificar melhor essa discussão, dos sete TL propostos para o desenvolvimento da leitura na coleção *Confluencia*, seis deles nos permitem discutir, durante a prática de leitura, cenários próprios da AL, como resumimos no quadro abaixo:

Quadro 01- Cenário latino-americano que apontamos nos TL selecionados nas seções de leitura da coleção *Confluencia*

Texto literário	Autor	Cenário Latino-Americano verificado no texto
La televisión, ('El libro de los abrazos') (vol.1, p.50)	Eduardo Galeano	Os mercados que dominam a comunicação como mecanismo de manipulação das informações.

7 Essa discussão da presença da latinidade nos TL das coleções de espanhol podem ser verificadas com mais detalhes na tese "Tratamento didático do texto literário nos manuais de espanhol: gêneros literários, práticas de leitura e latinidade". Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/10taLgGxxFQnQ6jRhyPpDsb3jWPmNPpch/view>>.

Texto literário	Autor	Cenário Latino-Americano verificado no texto
Mi belleza (vol.1, p. 84)	Magia López e Alexei Rodriguez Mola	A presença dos afrodescendentes na construção étnica-racial do continente LA.
Un mundo para Julius (fragmento) (vol.1, p.99)	Alfredo Bryce Echenique	Denúncia contra preconceitos, desigualdades e discriminações pelas quais a população pobre peruana passa.
El sur también existe (vol. 2, p.71)	Mario Benedetti	Enfrentamento entre os países do norte e do sul da AL, fazendo referência ao domínio dos países desenvolvidos, em particular os EUA, sobre os países latino-americanos.
La escuela del sur (fragmento) (vol. 2, p.73)	Joaquín Torres García	A valorização da arte sul-americana e a observação da América do sul com vistas a uma identidade cultural própria.
Doña Bárbara (fragmento) (vol. 2, p.102)	Rómulo Gallegos	Confronto entre a natureza e progresso nos llanos venezuelanos.

Fonte: elaborada pela autora.

A crônica ‘*La televisión*’ pertencente ao *El libro de los abrazos* de Galeano, seria uma ótima oportunidade de discutir, na atividade de leitura, uma das questões que afligem o contexto LA: os mercados que dominam a comunicação como mecanismo de manipulação das informações. Como bem lembra Canclini (2008), os mercados de comunicação do continente latino-americano, que até o século XVII estiveram nas mãos da Espanha e Portugal e nas da França desde o XIX até o início do século XX, passaram ao predomínio estadunidense nos últimos séculos. No entanto, ele defende que, em tempos de globalização, não há apenas uma “americanização” no mundo, apesar de um amplo setor de produção, distribuição e exibição audiovisual ser de propriedade de corporações dos EUA. Essa discussão dialoga bem, como apresentamos anteriormente, com o elemento ‘Questão nacional’ que, conforme Ianni (1993), diz respeito ao modo como se forma e se transforma a nação. A partir dessas reflexões, notamos – especificamente na atividade leitora desenvolvida a partir deste TL, que, apesar do box sobre o autor na periferia do texto e de o próprio texto selecionado conter elementos que particularizam o contexto LA, essa abordagem não foi sugerida como reflexão para a atividade de leitura a partir dessa crônica.

O poema ‘*Mi belleza*’ dos poetas cubanos - Magia López e Alexei Rodriguez Mola - desenha uma das realidades da AL, na medida em que um dos versos reivindica que a beleza não é única e que está para além dos padrões “eurocêtricamente hablando”. Ao mencionar esse padrão e observando o con-

texto e o lugar de fala dos autores, seria oportuno propor um contraponto entre a imposição desse padrão de beleza, que considera apenas as pessoas brancas e europeias, com a realidade étnico-racial latino-americana. Esse debate se relaciona bem com a discussão trazida por Ianni (1993) sobre a construção da raça cósmica. Importante mencionar também que a poeta, Magia López, além de mulher é negra e assume o compromisso de reivindicar a voz da mulher afro-cubana. Mulher e negra. Duas classes que, desde a época de nossa colonização, foram silenciadas em virtude de um patriarcalismo e da colonialidade que precisava hierarquizar classes a fim de explorá-las e subjugar-las. Podemos incluir nessa discussão, que propor um TL desses autores significa considerar a literatura negra do continente Latino Americano. Como bem reforça Ianni (1988, p.91), “Considera-se a literatura negra como de autoria negra, ou seja, diferencia-se daquela que apenas tematiza o negro”.

O romance *‘Un mundo para Julius’* conta a história de Julius, uma criança que vive entre dois mundos: o de sua família rica e o dos empregados, ao mesmo tempo em que desenha a oligarquia de Lima e desmascara preconceitos, denuncia desigualdades e as discriminações pelas quais a população pobre peruana passa. Trazer à tona essa questão, ainda que por meio de um fragmento, seria uma ótima oportunidade para a discussão em torno de uma das singularidades da AL apresentada por Mignolo (2005): o controle do espaço e, a apropriação de terra que se associam ao capital nas mãos de poucos e reforçam a marginalização e desumanização de outros. Uma oportunidade de denúncia contra preconceitos, desigualdades e discriminações. Entretanto, as questões que deveriam tratar da compreensão e interpretação desse texto, davam conta apenas do uso das formas de tratamento em língua espanhola.

O poema *‘El sur también existe’* do uruguaio Mario Benedetti aborda o enfrentamento entre os países do norte e do sul, fazendo referência ao domínio dos países desenvolvidos, em particular os EUA, sobre os países latino-americanos. Nesse poema, podemos notar que o poeta qualifica “os do norte” como desenvolvidos industrialmente e tecnologicamente; como possuidores de armas químicas; como consumistas e ricos, mas pobres socialmente por não socializarem as descobertas científicas. Já os países do sul, os latino-americanos, são descritos como frágeis, marginalizados, dependentes, sem importância mundial, porém é do sul onde saem pessoas que se esforçam e que lutam sem perder a fé, a esperança e que tratam de seguir em frente apesar de todas as dificuldades sociais, políticas e econômicas que lhes afetam. Essa constatação revelada

no discurso literário dialoga com as questões defendidas por Canclini (2008) e Mignolo (2005): o controle dos espaços, a apropriação de terras e do saber associadas ao acúmulo do capital nas mãos de uma minoria (norte-americana) reforça a marginalização de outros (latino-americanos). Também podemos acrescentar a discussão sobre o conceito de 'Nossa América' trazida por Ianni (1993). Nesse sentido, fazer uso desse poema numa aula de língua espanhola proporciona uma discussão para além dos hemisférios: reflexão em torno da submissão dos países da AL frente à dominação norte-americana, cenário que tanto marca a história econômica e política desses países.

O ensaio '*La escuela del sur*', do escritor Torres García, explica a pintura da América Invertida e compõe um dos 150 ensaios produzidos por ele entre 1934 e 1943, todos publicados no livro '*Universalismo Constructivo*'. Nesse ensaio, Torres García defende um novo modo de ver a arte e resume nele suas experiências com as vanguardas europeias do início do século XX e sua visão de arte de todos os tempos, particularmente a América do sul. Tanto a pintura quanto o fragmento do ensaio de Torres García reclamam que olhemos para o Sul como o norte do povo latino-americano e não que o nosso norte/foco/rumo esteja condicionado aos interesses da América do Norte. A imagem remete inclusive às relações de poder que se estabelecem entre os hemisférios sul e o norte. Podemos acrescentar, ainda, como nos lembra Mignolo (2005), que o continente americano é marcado pela soberania de uns povos e pela exclusão de outros, essência que parece marcar toda a configuração de uma AL que ainda insiste em se colocar em posição inferior às nações com as quais mantém, nas relações econômicas e políticas, o discurso da colonialidade. Por meio desse texto também podemos evidenciar o conceito de nossa América definido por Ianni (1993).

O romance '*Doña Bárbara*', do venezuelano Rómulo Gallegos, aponta para uma problemática vivenciada no contexto da AL: o confronto entre a natureza e o progresso. A protagonista é uma mulher autoritária, dominadora, que rege as leis da região dos llanos venezuelanos. Podemos dizer que ela, detentora do poder no enredo, pode ser considerada como a representação do ditador Juan Vicente Gómez, figura política que ditava as leis na Venezuela no período em que a obra foi escrita. Também se nota o confronto entre a natureza e o progresso durante a narrativa. A partir dessa informação, notamos que a latinidade se configura no momento em que se aponta para uma problemática social que compõe o cenário latino-americano: a luta pela modernização do campo e o

atraso social e político pelo qual a Venezuela passava em meados do século XX. No fragmento posto na seção de leitura, temos em evidência dois personagens que experienciaram contextos diferentes: Santos, que teve acesso aos estudos na Europa, e a jovem camponesa, que sempre viveu nos llanos venezuelanos. Esse confronto que vai se configurando nessa narrativa, é uma oportunidade para discutir a temática das revoluções (Ianni, 1993) tão presentes na construção da identidade dos povos da AL.

Finalmente, apontamos para a letra da canção ‘Soy loco por ti, América’ (*Sentidos*, vol. 1, p. 23) cujo título nos remete imediatamente ao contexto da latinidade, ao reafirmar insistentemente seu amor por este continente nos versos: “Soy loco por ti, América, soy loco por ti de amores”. Notadamente, os versos mesclam as línguas espanhola e portuguesa com o propósito de mostrar que o Brasil não é um país isolado na América do Sul, mas que ele faz parte de um grupo muito maior que traz consigo e compartilha as mesmas marcas históricas, sociais, políticas, culturais e econômicas. Resulta que o brasileiro ainda não se considera como latino. Possivelmente pelo fato dessa nomenclatura “América Latina” ter sido defendida e elaborada pelos hispano-falantes na tentativa de integrar todos os países latinos na luta contra as forças europeias e, especialmente, para se opor a uma América anglo-saxônica. Esse texto seria uma possibilidade de endossar a discussão trazida por Ianni (1993) em torno da definição de Nossa América, que se relaciona com as propostas de integração ou confederação, numa tentativa de não sucumbir diante da força capitalista mundial.

PONDERAÇÕES FINAIS

Pensar uma atitude decolonial representa assumir uma postura de resistência em busca de mudanças quanto às colonialidades do saber, do ser e do poder que foram incrustadas na construção da sociedade latino-americana. Por isso, entendemos que ao discutirmos aspectos temáticos que envolvem a latinidade, a partir da leitura de textos literários em aulas de espanhol (ensino médio), reitera o compromisso que a educação deve ter na formação de cidadãos críticos e reflexivos, que culminaria, neste caso, numa atitude decolonial. Quando nos reconhecemos latinos e conhecemos as realidades que temos em comum, nos apropriamos dos contextos que nos oprimem e insurgimos contra os paradigmas que se anunciam imperiais e universais. Além disso, enquanto professores de língua espanhola no continente americano, não podemos silenciar, mesmo

que as propostas apresentadas nos livros didáticos não deem conta disto no exercício da habilidade leitora, os conceitos e cenários que correspondem ao contexto da América Latina, quando temos em mãos um texto literário. Ainda mais quando, atualmente, temos uma política educacional que limita a oferta obrigatória de apenas uma língua estrangeira, o inglês, idioma que representa os interesses norte-americanos no nosso continente. Portanto, neste contexto de resistência do ensino de língua espanhola, precisamos promover discussões em torno do cenário latino-americano e fazermos uso da literatura em seus mais variados gêneros para este fim, conforme possibilidades apontadas na seção anterior. Desse modo, estaremos ajudando a construir uma educação com vistas à liberdade, pois, quando temos ciência de que somos oprimidos, é quando nos formamos cidadãos críticos, reflexivos e autônomos.

REFERÊNCIAS

ARDAO, A. **Génesis de la idea y el nombre de América Latina**. Caracas: Centro de Estudios Latinoamericanos Rómulo Gallegos, 1980.

BRANDALISE C. **O conceito de América Latina**: hispano-americanos e a panlati- nidade europeia. Cuadernos del CILHA - a. 14 n. 18 - 2013 Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/95149>>. Acesso em: 22 de agosto de 2024.

CANCLINI, G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 4. ed. 4. reimpr. São Paulo: Edusp, 2008. (Ensaio Latinoamericanos, 1).

COIMBRA, L.; CHAVES, L. S.; BARCIA, P. L. **Cercanía joven**: espanhol. São Paulo:Edições SM, 2016.

COSSON, R. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, L. D. **Construções de latinidade e ideologias linguísticas na internet**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 55, dezembro de 2017. p. 26-45. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/67777>>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 50.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREITAS, L.M. A. de.; COSTA, E. G. de. **Sentidos en lengua española**. 1ª ed. São Paulo: Richmond, 2016.

IANNI, O. **O labirinto latino-americano**. Petrópolis/RJ, Vozes, 1993.

MIGNOLO, V. D. **La ideia de América Latina**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2005.

PINHEIRO-CORREA, P; LAGARES, X. C; et al. **Confluencia**. São Paulo: Editora Moderna. 1a edição, 2016.

QUEIROZ, L. **Decolonialidade concepções de língua**: uma crítica linguística e educacional. Campinas, SP: Pontes editora, 2020.

QUIJADA, M. **Sobre el origen y difusión del nombre América Latina**. Revista de Indias, 1998. Disponível em: <<http://digital.csic.es/handle/10261/9354>>. Acesso em: 23 de agosto de 2024.

SORIA, E. A. La política cultural de Francia en la génesis y difusión del concepto L. Amerique latine, 1860-1930. In. GRANADOS, A. MARICHAL, Carlos (orgs.). **Construcción de las identidades latinoamericanas** – Ensayos de historia intelectual – siglos y XX. México: El Colegio de México: Centro de Estudios Históricos, 2004, p.71-105. Disponível em: <<https://repositorio.colmex.mx/concern/books/rb68xc51k?locale=es>>. Acesso em: 03 de set. de 2024.

TENORIO, P.; REYZÁBAL, Mª V. **El aprendizaje significativo de la literatura** Madrid: La Muralla, S.A., 1992.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. 3ªed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VARGAS LLOSA, M. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2004.

_____. **Dicionário amoroso da América Latina**. Tradução: Wladir Dunpont e Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.